

In Forma Literária

Ano I, Edição VI

Juiz de Fora, junho, Julho e Agosto de 2001

Ao Leitor

Pensando em o quê escrever neste espaço, veio-me uma idéia para lá de contemporânea, mas ao mesmo tempo extraliterária. Por acaso vocês já se imaginaram sem televisão, computador, geladeira, microondas, enfim, sem energia elétrica? Confesso a vocês que quando leio

Machado de Assis - com seus castiçais, lamparinas e lampiões - e Guimarães Rosa - em meio ao sertão iluminado pelo luar - até me esqueço das "comodidades" de nossa civilização. Eis que me surge um engraçadinho a dizer que eu não poderia ler à noite se não houvessem algumas dezenas de "velas elétricas" acesas. Diria a esse paladino da ignorância que bem menos "velas reais" satisfiriam a minha leitura. Aliás, parece que existem pessoas que vivem às apalpadelas e não conseguem enxergar que um curso como o nosso necessita de leituras, não só as que visam entretenimento e prazer pessoal, mas também aquelas escoregadas, sinuosas, enfim, "cerebrais", que devem ser ingeridas em doses homeopáticas. Sem querer encontrei o único lado positivo para o "apagão": a substituição dos "prazeres" que necessitam de energia pelo dispêndio da nossa em bastantes "leituras cerebrais".

Consegui transformar a crise energética em leituras literárias: fui mais eficaz que as medidas provisórias ditatoriais do Governo. Ou não? Quem sabe?... Talvez a escuridão nos esclareça.

Darlan Lula - 5º Período de Letras
E-mail: oliveiradl@bol.com.br

ÂNIMA: A PORÇÃO MULHER

Uma questão, vinda da dimensão não-física, nos impressionou e nos atraiu, elegendo-se objeto da observação. Tudo começou com nosso sobrevôo apaixonado e curioso, todavia distanciado e raso sobre as palavras de Carl Gustav Jung. Contudo, apoiados nas metáforas da águia e da galinha, de Leonardo Boff, façamos juntos uma breve e distanciativa viagem em direção à alma, a fim de lançar o olhar, ainda que debilmente, sobre uma questão tão bela quanto profunda.

Boff nos conta que a galinha simboliza a instituição, a ordem, a rotina, enquanto a águia responde pelas transformações inovadoras. Para ele, é a partir do movimento da águia que se deve estabelecer relação com a rotina. As dimensões águia e galinha devem se complementar num equilíbrio dinâmico, continuado; se excessivo, o equilíbrio dos dois pólos nos levaria à estagnação; se absoluto, à morte. Lembrando Jung, Boff diz que o feminino no homem é responsável por sua capacidade de captar totalidades articuladas, de ter inteireza, de cultivar o mundo interior, de desenvolver níveis profundos de espiritualidade, de pensar por intermédio do corpo, de apreender, na intimidade, as ressonâncias do mundo exterior em termos de símbolos e de arquétipos, de dar espaço à ternura e ao cuidado, de abrir-se ao sentimento, à gratuidade e à sensibilidade para com o mistério das pessoas, da vida e do inteiro universo. Um homem, então, abre-se ao feminino, que há dentro de si, voando como águia, num viajar introspectivo em que tangencia a aresta dos mistérios inerentes ao ser humano: o inconsciente. Marie-Louise von Franz diz que "a arte do poeta ou do pintor consiste em representar um conteúdo do Inconsciente de maneira a poder manifestá-lo aos olhos da sociedade. Os artistas, assaltados por cargas afetivas demoníacas, as traduzem em formas que possam ser humanamente aceitas: a obra resultante é a afirmação razoável de uma diferença". É a arte. Pensemos no poeta: com um poema, leva nas suas asas de águia o coração do leitor ávido de semelhante desejo. Em geral, por trabalhar com palavra e

subjetividade, o escritor/poeta consegue manifestar de forma mais clara a integração do masculino e feminino, de galinha e águia, de yang e yin, de eros e tânatos, mundo interior e mundo exterior. E é feliz no seu fazer, porque, como esclarece John A. Sanford, "sem o relacionamento com o mundo interior, o homem pode focalizar as coisas, mas lhe faltará imaginação; pode perseguir metas, mas sem emoção". A alma desperta-lhe a capacidade de amar e de estabelecer um relacionamento pessoal. Aqui, as citações de psicanalistas junguianos como von Franz, Sanford e, adiante, Boechat, reforçam o pensamento de que só a união das metades pode estimular a energia e impedir a esterilidade do homem. Cruzando o pensamento científico de Sanford com o humanitário de Boff, podemos dizer que as qualidades femininas mantêm os homens sensíveis ao mistério, à vida. Walter Boechat chega a dizer que "o homem que se relaciona de modo cada vez mais consciente com sua feminilidade inconsciente, que se manifestará como criatividade, imaginação e sensibilidade é o homem do futuro". Um super-homem? Gilberto Gil, artista contemporâneo, resume bem a consciência e aceitação de sua porção mulher: "Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria/ que o mundo masculino tudo me daria/ do que eu quisesse ter/ que nada/ minha porção mulher que até então se resguardara/ é a porção melhor que trago em mim agora/ é que me faz viver..."

Sanford diz que, por ser de ordem psíquica, "a alma pode ser melhor descrita poética e não cientificamente". Por essa razão, nos aventuramos a admirá-la, inicialmente, com licença literária. Sabemos, entretanto, que um complexo de feixes variados afetam, moldam, instigam o homem e são diversos os fatores que influenciam a sua produção. A alma é um desses feixes, uma nesga singular que nos atraiu o olhar, fazendo-nos viajar até seu magnetismo. Encontramo-la generosa, reluzente chave com que o poeta, então fecundo, pode criar a sua arte.

Ana Paula Bartholomeu Bessa
7º período de Letras

BARROCO Barroco é o período literário compreendido entre o renascimento e o iluminismo. Seu início é datado do século XVII.

A origem do seu nome é tão controversa quanto o próprio estilo de época: pode ter-se originado da Segunda figura do Silogismo ou do nome "barrueco", que significa pérola irregular. Esta é a teoria mais aceita.

Para o entendimento maior deste estilo de época, é preciso conhecer o contexto histórico e um pouco a respeito do homem setecentista. Dividido entre duas mentalidades, duas formas de ver o mundo. Ou seja, dividido entre o sensualismo, os prazeres terrenos (resultado do antropocentrismo renascentista) e o recato e temor a Deus de um homem preocupado com a salvação de sua alma como impunha o teocentrismo medievalista.

Este choque entre o material e o espiritual deu origem a um movimento artístico contraditório, de dualismo exacerbado e linguagem rebuscada: o Barroco.

O Barroco é o retrato de um homem cheio de dualidades de pensamentos e sentimentos que se vê obrigado a conviver com os prazeres materiais e a postura casta medievalista a qual se acentua com a Contra Reforma.

Vem daí a predileção por temas opostos, contrastantes, que colocam frente a frente matéria e espírito, bem e mal, céu e terra, Deus e Demônio, vida e morte. Estes temas, constantemente empregados pelo homem barroco, refletem o estado de tensão da alma humana, que é, sem sombra de dúvida, a realidade contraditória e em transformação no setecentismo.

PADRE ANTÔNIO VIEIRA O Padre Antônio Vieira foi missionário, pregador, diplomata, político e escritor. Nasceu em Lisboa e, aos sete anos, parte para o Brasil. Ordena-se em 1635 e começa seu trabalho como pregador. Mas, em 1649, sofre pressão do Santo Ofício. Em 1652 é transferido para as missões jesuítas do Maranhão. Lá prega a batalha em defesa da liberdade dos índios contra os colonos escravocratas. Nove anos depois, regressa a Portugal e é preso por suas idéias de fundo sebastianista. Confinam-no oito anos em uma casa jesuítica e cassam-lhe o direito de pregar.

O Padre Antônio Vieira é uma das personagens mais importantes da história brasileira e portuguesa do século XVII. Atuou da religião à política, tendo uma presente participação em áreas múltiplas. Poucos têm tido a faculdade de suscitar tanto ódio e admiração, poucos têm sido tão lidos, discutidos e analisados, poucos são conhecidos por pessoas de tão diferentes origens e classes sociais.

Retorna ao Brasil em 1681 e dedica-se a redigir seus sermões. Morre em Salvador (BA) em 18/07/1697.

SERMAO DA SEXAGÉSIMA Pregado na capela real, em Lisboa, em março de 1655. O tema do sermão é extraído de uma passagem bíblica do evangelho do apóstolo Lucas. "A semente é a palavra de Deus". O uso da lógica do pensamento são características marcantes em sua obra, além, é claro, da constante preocupação com os efeitos da pregação na vida social. Acreditava ser o sermão um instrumento de origem divina, voltado para a expansão do cristianismo, para a correção dos erros cristãos e para a salvação eterna.

O Sermão da Sexagésima ou da "Palavra de Deus" é uma crítica à maneira de pregar e à falsa fé de seus adversários, os Dominicanos.

Na verdade, seu sermão teve um alvo principal: Frei Domingos de São Tomás. O trocadilho "Ah Pregadores" era diretamente endereçado a ele.

Não apenas os dominicanos eram motivo de seu ironismo ferrenho, os colonos também foram vítimas de suas convicções anti-escravistas. Poucos meses antes, no Maranhão, redigiu dois sermões de cunho irônico, como lhe é de praxe, e satírico: "Quinta Domingo da Quaresma" e o de "Santo Antônio" (aos peixes). Em ambos, o objetivo de Vieira era importunar os colonos pelos maus tratos impostos aos índios.

A associação é marca registrada no Sermão da Sexagésima. O texto bíblico de Lucas está claramente vinculado às idéias expostas por Vieira. Utilizando-se desta associação, pôde dar veracidade às suas idéias e alcançar seu público que, confiante na palavra de Deus, assimilou com maior facilidade a sua intenção.

O sermão pode ser caracterizado como barroco por apresentar características como o dualismo, representado pelo conflito entre a vida material e a espiritual. Este conflito pode ser observado na preocupação de Vieira com a alma humana e com sua salvação. Preocupando-se com a alma, preocupa-se com o seu tempo na terra e sabe que ele tem um fim, é a consciência da transitoriedade da vida. Esta consciência o leva ao pessimismo e faz com que descredite na alma humana, mas, principalmente, faz com que tenha aversão às atitudes de maus pregadores. Na verdade, sua indignação com os maus pregadores está presente em toda a obra.

Percebe-se o uso abundante de figuras de linguagem como a antítese, onde se antepõem quase sempre o bem e o mal. O alto nível lingüístico também pode ser observado juntamente com o jogo de idéias, implícitos na obra. Idéias estas, muitas vezes opostas,

que formam um paradoxo.

A anáfora é empregada constantemente. A repetição intencional das palavras confere caráter incisivo ao texto de Vieira, que fala inúmeras vezes ao Senhor, ora para honrá-lo, ora para questioná-lo e repete expressões e termos que coagem o ouvinte, com a intenção de corrigi-lo de seu pecado, com a intenção de salvá-lo da escuridão eterna.

A metáfora tem lugar especial no Sermão da Sexagésima. É através dela, através do emprego de um termo por outro que o autor transmite suas mensagens ao público. Por vezes são encontradas metáforas de cunho cultista no Sermão, o jogo de idéias está sempre presente.

Foi com o uso da paronomásia que Antônio Vieira criticou seu antagonista: Frei Domingos de São Tomás. Com vocábulos de grafia semelhante, mas de sentidos opostos, deixa clara sua indignação com o tipo de pregação feita por Domingos.

Encontra-se na gradação a forma de apresentar ao público impressões sensoriais. Este recurso é usado por Vieira para remeter-nos a sensações tácteis, auditivas, olfativas, gustativas e, sobretudo, visuais, como quando cita que homens transformam-se em pedras.

Na maior parte do Sermão é o silogismo que está presente, conferindo à obra uma indiscutível clareza de idéias as quais contagiam o ouvinte. A junção das premissas (maior e menor) faz com que se chegue a conclusões que, muitas das vezes, são do próprio autor. Ele consegue, com sua retórica, chegar ao coração de seus ouvintes. E, sem perder nada em clareza de idéias, usa da metonímia para falar da palavra de Deus no coração dos homens.

Em conseqüência de sua clareza de idéias e rigor dialético, os sofismas não são muito usados. Apenas faz a sutil menção de um para questionar a respeito da palavra de Deus: se é tão forte, porque não toca os corações humanos?

Deve-se observar que, no barroco, o cultismo e o conceitismo não se separam. Por vezes, o autor tende mais para o nível da palavra, com a linguagem dirigida aos sentidos onde predomina o uso de metáforas. Por outras, é o conceito que predomina, de conformidade com a técnica da argumentação. Sabe-se hoje que onde vão as idéias cultistas também lá estão as conceitistas.

O Sermão da Sexagésima concerne a arte de pregar de Padre Antônio Vieira e toda sua eloqüência, levando-nos a ter a mesma opinião do Papa Clemente X: "Devemos dar muitas graças a Deus por fazer este homem católico, porque se o não fosse poderia dar muito cuidado à Igreja de Deus."